

“História dos Povos Originários: Ancestralidade, Colonialidade e Resistência”

As nações existentes na contemporaneidade, podem ainda não ser entendidas e constituídas com um conceito de Identidade, por exemplo, porque ainda a voz que delas e através delas, fala é a voz eurocêntrica. Sobre uma ótica e uma perspectiva de olhar a memória para além do físico, entender os olhares, as transformações na oralidade, os preconceitos e os debates que a permeiam dentro dessa fluidez, faz-se pertinente entender o papel e a importância dos povos originários na construção de um país, não só pelas formas que o senso comum abarca, mas pelas formas como a historiografia deve entendê-los e trabalhá-los.

Como corrigir as esferas de povos originários que caíram no esquecimento, cultural, política e socialmente? É por meio de questões como essas, que há a necessidade de pesquisar e compreender as memórias que permitem esses povos a resistir e existir. Suas línguas são reflexo na memória linguística da língua do colonizador, na memória cultural, seus costumes, conhecimentos e tradições foram suprimidos e substituídos pela “cultura” do colonizador. Essas demandas escancaram também as questões que dizem respeito ao processo civilizatório, como discutido pelo autor Norbert Elias, e como o caráter social na formação dos indivíduos, está associado a uma visão suposta de “civilização”, em comparação aos “não civilizados”.

Como entender e apoiar as forças de resistência por eles mobilizadas, no passado e no presente? Perceber os movimentos que giram em torno de uma luta ativa, sua força, suas perspectivas diversas ou comuns e o seu desenvolvimento como forma de fortificação e reação. Além disso, a força também de uma ancestralidade, da ocupação física, intelectual, social e política que deve ser reforçada cada vez mais pela presença de seus representantes, retoma a necessidade de um debate e de uma luta em torno das suas demandas e do respeito e entendimento as suas pautas.

Referências Bibliográficas:

- BITTENCOURT, C. Identidades e ensino de história no Brasil. In. CARRETERO, Mario; et.all. Ensino da História e Memória Coletiva. Porto Alegre: ARTMED, 2007, p. 33-52.
- DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro* (a origem do mito da modernidade). Trad. Jaime A. Classen. Petrópolis: Vozes, 1993. p.17-41 (Capítulos 1 e 2; “O Eurocentrismo” e “Da ‘invenção’ ao ‘descobrimento’ do Novo Mundo”)

FONSECA, Fernanda Cardoso. Nossa América Latina: o pensamento (decolonial) de Lélia Gonzalez / Fernanda Cardoso Fonseca. - 2021. 182 f.: il.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo.

LEMOS, A. I. G. (2015). Los nuevos sentidos espaciales de las metrópolis latinoamericanas. *Confins*, 24 | 2015. Retrieved July 24, 2015, from: <https://journals.openedition.org/confins/10327>

LIVI BACCI, Massimo. Conquista: a destruição dos índios americanos. Trad: Sandra Escobar. Lisboa: Edições 70.

MIGNOLO, Walter D.. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista. Rio De Janeiro: Ipeafro, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História (São Paulo)*. n. 10, p. 7-28, 1993.

NORBERT Elias, (1994). O Processo civilizador. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUINTEROS, Marcela Cristina. Disputas pela memória e a história na América Latina: os casos guatemalteco, salvadorenho e chileno.